

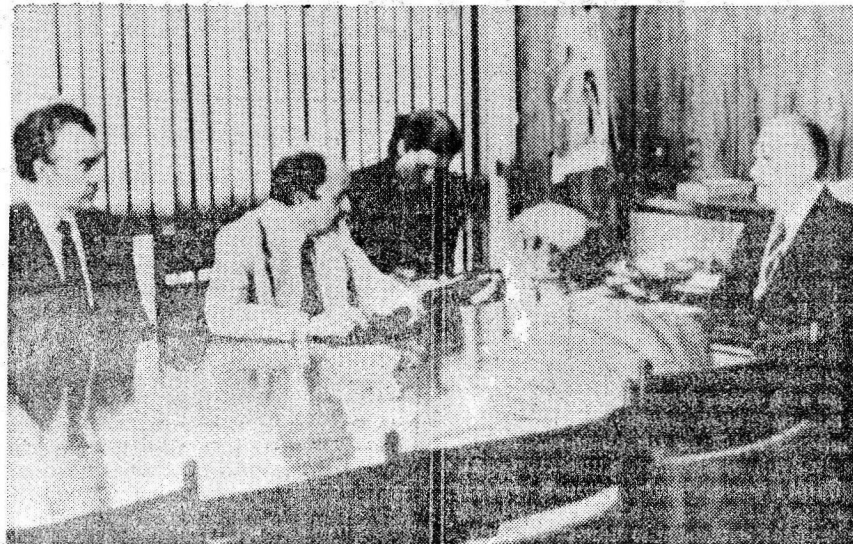
Clube de Paris exige acordo com FMI

BRASÍLIA AGÊNCIA ESTADO

O Brasil conseguirá negociar sua dívida com o Clube de Paris só depois de um acordo com o Fundo Monetário Internacional, deixou claro, ontem, Claude Cheysson, comissário da CEE e ex-ministro das Relações Exteriores da França, depois de audiência com o presidente Sarney.

Apesar de lembrar a prática em vigor entre os membros do Clube de Paris, de só se reunir após acordo com o FMI, Cheysson reconheceu que a negociação com o Fundo será muito difícil, por causa das condições que o FMI costuma receitar. Ainda assim, acha que será preciso continuar com as negociações e, se o acordo não for imediato, os problemas econômicos devem ser tratados.

A vida de um país não pode ser interrompida porque uma negociação se tornou difícil, disse Cheysson, acrescentando que, desse modo, o



Sérgio Borges

Cheysson (à direita de Sarney): negociação difícil

Brasil deverá encontrar novos capitais e ajustar seu fluxo financeiro negativo de acordo com as possibilidades brasileiras, senão o desenvolvimento será impossível.

Não revelou o conteúdo de sua conversa com o presidente Sarney. Argumentando que não seria correto fazer isso, Claude Cheysson apenas afirmou: "Os senhores podem, talvez, adivinhar, depois de nossa conversa, do que nós tratamos, mas cabe à secretaria do presidente dar maiores informações. Não a mim".

Claude Cheysson lembrou que o Clube de Paris só discute a respeito da dívida pública, que no Brasil é limitada a aproximadamente 30% da dívida total. Daí, destacou que o Brasil não pode, de fato, deixar que toda sua poupança, seu lucro do comércio sejam canalizados para o pagamento da dívida.

É um problema importante para o futuro do País, segundo afirmou,

seria saber como o Brasil pode voltar a atrair investimentos estrangeiros importantes. Cheysson acha que o problema deve ser visto na sua dimensão política e não apenas econômica, considerando que politicamente ninguém pode contestar o sucesso do País nos últimos anos. A democracia foi restabelecida e as últimas eleições mostram que o povo brasileiro quer esta democracia, conforme destacou o comissário da CEE.

ENTENDIMENTO

Ao destacar a importância da negociação do Brasil com seus credores, Claude Cheysson disse que para alguns bancos que emprestaram muito dinheiro para o País haveria fracassos desagradáveis, caso houvesse interrupção das negociações. Portanto, defendeu a negociação não só quanto ao serviço e ao pagamento da dívida como também para a concessão de novos créditos e condição destes investimentos no País.

Também fez uma pregação favorável a conversações para problemas mais amplos na área econômica: o comércio, o sistema monetário e taxas de juros. Com isso, não haveria recriminações a fazer aos países industrializados.

Desse modo Claude Cheysson acusou os Estados Unidos de não adotarem medidas de ajustes que sejam convenientes. O déficit orçamentário americano, segundo destacou, cria taxas de juros muito elevadas. Justamente porque essas taxas são altas é que o dinheiro é desviado. Ao invés de ir para novos investimentos vai para a especulação, disse.

Por serem mais fortes, a responsabilidade dos Estados Unidos é maior, de acordo com Claude Cheysson, que usou uma figura simples para dar sua opinião: "Quando há um elefante e um cavalo em uma balança, é claro que o elefante pesa mais".